

Rotinas Produtivas dos Jornalistas em Juazeiro (BA) e Petrolina (PE): o Uso da Inteligência Artificial na coleta de dados¹

Luan Victor Oliveira BARROS²
Eduarda Emily Brito CARDOSO³
Guilherme de Souza LEITE⁴
Guilherme Passos GONÇALVES⁵
Maria Luiza do Nascimento MARTINS⁶
Wanny Karen Andrade SANTANA⁷
Andréa Cristiana SANTOS⁸
Universidade do Estado da Bahia - UNEB⁹

RESUMO: Esta pesquisa investiga o uso de ferramentas de inteligência artificial (IA) por jornalistas e radialistas, que atuam em veículos de comunicação de Juazeiro (BA) e Petrolina (PE), cujas cidades são marcadas pelo vínculo construído com a comunidade e os desafios tecnológicos. A partir de entrevistas com cinco profissionais, o estudo revela que, embora a IA já esteja presente em algumas rotinas produtivas, há resistência quanto à sua confiabilidade na apuração. Os resultados indicam a importância de aprofundar o debate sobre os usos éticos, técnicos e críticos dessas tecnologias no jornalismo local.

PALAVRAS-CHAVE: Inteligência artificial; jornalismo; rotina produtiva; automação

O avanço das tecnologias digitais tem provocado mudanças significativas nas práticas comunicacionais, especialmente no jornalismo. A popularização de ferramentas de inteligência artificial (IA) generativa, como o ChatGPT, reacende discussões sobre a função do jornalista na sociedade, sobre os processos de construção da notícia, rotinas produtivas e procedimentos éticos do uso de tecnologias na produção de conteúdo. Neste cenário, esta pesquisa tem como objetivo investigar como os jornalistas e

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GTNE07-Comunicação e Trabalho, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Estudante de Graduação 4º semestre do Curso de Jornalismo em Multimeios da UNEB-DCH III, E-mail: luanbarrosjorn@gmail.com

³ Estudante de Graduação do Curso de Jornalismo em Multimeios da UNEB-DCH III, E-mail: cardosoeduarda294@gmail.com

⁴ Estudante de Graduação do Curso de Jornalismo em Multimeios, UNEB-DCH III, E-mail: leitegu2607@gmail.com

⁵ Estudante de Graduação do Curso de Jornalismo em Multimeios, UNEB-DCH III, E-mail: guilhermegoncalves@gmail.com

⁶ Estudante de Graduação do Curso de Jornalismo em Multimeios da UNEB-DCH III, E-mail: mariludiscente@gmail.com

⁷ Estudante de Graduação Curso de Jornalismo em Multimeios da UNEB-DCH III, E-mail: wannydesant@gmail.com

⁸ Doutora em Comunicação e Cultura pela UFRJ e Professora do Curso de Jornalismo em Multimeios da UNEB, E-mail: andresantos@uneb.br

⁹ Universidade do Estado da Bahia(UNEB), Departamento de Ciências Humanas III(DCH III), Campus Juazeiro-BA

radialistas das cidades de Juazeiro(BA) e Petrolina(PE) se utilizam de ferramentas de inteligência artificial (IA) no processo de produção jornalística.

O estudo tem como objetivos: a) identificar como jornalistas e radialistas percebem o uso da inteligência artificial; b) investigar os critérios de noticiabilidade no contexto local; c) analisar impactos éticos e epistemológicos da automação nas rotinas do jornalismo regional. Ressalte-se que a problemática de pesquisa se propõe a refletir sobre como a IA tem sido utilizada por jornalistas e radialistas no Vale do São Francisco, território ainda pouco explorado nos estudos acadêmicos sobre jornalismo e automação.

METODOLOGIA

A pesquisa é orientada por uma abordagem qualitativa, com base em entrevistas com cinco profissionais que permitiram identificar práticas, percepções e desafios relacionados ao uso da IA no processo de rotina produtiva. As entrevistas foram realizadas entre novembro e dezembro de 2024 com cinco profissionais que atuam na produção de notícias em emissoras de rádio, televisão e jornalismo online. Nessa pesquisa, adota-se o princípio de garantir o anonimato dos profissionais, de modo a não causar constrangimentos organizacionais no ambiente de trabalho.

Os dados, analisados com base na técnica de análise de conteúdo (Bardin, 2011), permitiram identificar categorias como: apuração jornalística e critérios de noticiabilidade; uso de tecnologias; relação com a comunidade; percepções sobre IA e limites éticos. As rotinas produtivas observadas mostram como as práticas locais se ajustam às lógicas institucionais, tecnológicas e sociais (Wolf, (2003). Os usos de IA na rotina produtiva refletem as mediações estruturais e subjetivas de cada jornalista ou veículo.

Na revisão bibliográfica, o estudo se apoiou em autores como Pierre Lévy (2010), Regina Zandomênic (2022) e outros que discutem os desafios e possibilidades da inteligência artificial na comunicação.

USO DE IA NAS ROTINAS PRODUTIVAS DOS JORNALISTAS

Os jornalistas têm se defrontado com desafios e possibilidades emergentes no campo profissional, principalmente nas rotinas produtivas. Para compreender essas

mudanças, recorre-se à perspectiva de Traquina (2005) que entende o jornalismo como uma construção social da realidade. Para o autor, a notícia não é um simples reflexo dos fatos, mas um produto moldado por práticas profissionais, rotinas organizacionais e mediações socioculturais. Nesse sentido, o uso da IA produz mudanças no processo de coleta de dados e pode interferir na tomada de decisão quanto a critérios de noticiabilidade e acionamento de fontes. Pavlik (2019) destaca o potencial da IA para aumentar a eficiência jornalística, embora aponte questões éticas e epistemológicas. Já Marconi (2021) reforça que a IA deve ser vista como ferramenta de apoio, e não como substituta da inteligência humana no jornalismo.

Mauro Wolf (2003), que, ao discutir o paradigma do newsmaking, entende o jornalismo como um processo moldado por rotinas produtivas que determinam a forma e o conteúdo das notícias. Para Wolf, essas rotinas não são neutras, mas mecanismos que reduzem a complexidade da realidade e a tornam “noticiável”. A introdução de tecnologias como a IA altera essas rotinas e, ao mesmo tempo, reforça padrões já estabelecidos na seleção e produção da informação.

ROTINAS PRODUTIVAS

A integração entre teoria e prática permite compreender não só as mudanças nas rotinas produtivas, mas também as implicações desse cenário tecnológico para o jornalismo local. As entrevistas com os cinco jornalistas da região revelam como esses profissionais estão lidando com tais transformações, contribuindo para um debate mais profundo sobre inovação, ética e autonomia no jornalismo.

No campo do telejornalismo, o profissional de comunicação (Entrevistado 1) destacou que o jornalismo local continua profundamente enraizado na factualidade e na relevância dos temas abordados, especialmente aqueles que afetam diretamente a vida da população. Essa perspectiva se aproxima da visão de Traquina (2005), segundo a qual a notícia é construída a partir de valores culturais, sociais e contextuais que moldam a repercussão e impacto na sociedade.

Embora a emissora ainda não utilize ferramentas de inteligência artificial nas etapas diretas de produção, o entrevistado mencionou o uso do sistema EasyNews como uma tecnologia de racionalização do processo jornalístico. O sistema organiza pautas, distribui tarefas entre os profissionais e contribui para que conteúdos produzidos

localmente possam ganhar visibilidade em rede nacional, evidenciando um uso indireto da automação no fluxo de trabalho.

A partir das respostas concedidas pelos dois profissionais que atuam com jornalismo online, observa-se um uso mais ativo da inteligência artificial em tarefas operacionais dentro das redações. Entre as atividades citadas, estão a transcrição automatizada de entrevistas, sugestões de títulos com base em padrões de otimização e a análise do alcance das matérias publicadas. A ferramenta MAFEL é citada como um recurso importante na curadoria de conteúdos e na avaliação da performance jornalística.

Essa adoção de procedimentos se aproxima do que Pavlik (2019) propõe ao defender que a IA pode aprimorar a eficiência no jornalismo, ainda que não substitua o olhar analítico e crítico do profissional. O profissional (entrevistado 2) reforçou a importância da ética no fazer jornalístico ao afirmar: “a gente não tem aquela pressa toda para publicar, porque se você tem pressa demais, você termina fazendo besteira”, mostrando que, mesmo com os avanços tecnológicos, a prudência e a responsabilidade continuam sendo valores centrais a fim de evitar erros. A afirmação sobre evitar a pressa no processo de publicação aponta para a manutenção da ética jornalística mesmo diante da pressão por produtividade.

O entrevistado (número 4), que atua no radiojornalismo, oferece uma perspectiva fortemente ancorada na tradição do jornalismo comunitário. Para ele, o contato direto com a população é essencial para garantir a relevância e a credibilidade das informações veiculadas. Nesse sentido, o uso do WhatsApp como canal de recebimento de denúncias e relatos populares torna-se uma ferramenta estratégica de escuta ativa. O profissional demonstra que a apuração jornalística é essencial no processo de coleta de dados, quando afirma: “ [...] a gente apura para saber se a denúncia tem fundamento”. A declaração demonstra um compromisso com a verificação e a filtragem criteriosa das informações. Essa prática está alinhada ao conceito de “inteligência coletiva” de Lévy (2010), na medida em que o jornalismo passa a incorporar, em suas rotinas, a participação ativa do público na construção da pauta e na produção de sentidos.

Já o profissional, que atua duplamente em rádio e em blog local, deixou evidências do papel cada vez mais determinante das redes sociais na formação da

agenda jornalística. Segundo o entrevistado (número 5), “hoje todo mundo tem um celular na mão e é um jornalista em potencial”, destacando como a popularização do acesso à informação e à produção de conteúdo têm transformado a lógica tradicional do jornalismo. Nesse novo cenário, os profissionais precisam desenvolver estratégias de curadoria mais rigorosas para filtrar o excesso de dados e garantir a veracidade das informações que circulam. Sua fala reflete a emergência de um jornalismo mais descentralizado, participativo e em constante diálogo com as transformações tecnológicas e culturais da sociedade contemporânea.

A profissional que atua com radiojornalismo local apresenta uma visão equilibrada entre o uso da tecnologia e a preservação dos princípios fundamentais do jornalismo. Ela relata que utiliza ferramentas de IA em tarefas como a compilação de dados e na correção de textos, atividades que considera facilitadoras do processo produtivo. A entrevistada (número 6) declarou: “[...] a IA adianta o processo, mas o texto final é meu”, indicando que o controle editorial e a autoria continuam sendo centrais em sua prática profissional.

Para a profissional, o diferencial do jornalismo local reside na escuta ativa da comunidade e na checagem presencial dos fatos, garantindo que o conteúdo final não se restrinja à mera transmissão de dados, mas cumpra uma função social de orientação e serviço à população. Essa postura está em consonância com Marconi (2021), que vê na IA uma ferramenta complementar ao trabalho de apuração feita por uma profissional com ética e responsabilidade.

A pesquisa, ancorada nas falas dos profissionais e no referencial teórico adotado, permite compreender como o jornalismo local vem se adaptando às novas tecnologias sem perder de vista seu compromisso ético e social com a informação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados coletados e analisados nesta pesquisa evidenciam que o jornalismo praticado em Juazeiro (BA) e Petrolina (PE) preza pelo princípio ético de escuta da comunidade e relevância local das informações. Embora o uso de ferramentas de inteligência artificial esteja presente em algumas rotinas, ele ocorre de maneira pontual e estratégica, sem substituir o olhar crítico e a responsabilidade do jornalista. Ferramentas como EasyNews e MAFEL são percebidas como facilitadoras de

processos, mas não como elementos determinantes na construção da narrativa jornalística.

A pesquisa mostra que há diferentes níveis de apropriação da tecnologia entre os profissionais: alguns se mostram abertos a experimentar recursos de inteligência artificial, enquanto outros preferem práticas tradicionais, como o contato direto com o público e a checagem manual dos fatos. Essa diversidade destaca a importância de um debate constante sobre o uso da IA na comunicação, especialmente em contextos fora dos grandes centros, marcados por realidades técnicas e sociais distintas.

Por fim, destaca-se a importância de ampliar os estudos sobre jornalismo e IA no interior do Brasil, considerando suas especificidades culturais e operacionais. A partir dos dados levantados, este trabalho aponta para uma coexistência entre tradição e inovação, em que a tecnologia, embora promissora, deve ser pensada como apoio, e não substituição, à escuta ativa, à ética e ao compromisso público do jornalismo.

REFERÊNCIAS

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Loyola, 2010.

MARCONI, Pablo. **Inteligência Artificial no Jornalismo: desafios éticos e práticas emergentes**. São Paulo: Editora LabCom, 2021.

PAVLIK, John V. **Journalism in the Age of Virtual Reality and Artificial Intelligence: The Role of the Reporter in a Digital Age**. In: *Journalism & Mass Communication Quarterly*, v. 96, n. 1, p. 20–24, 2019. DOI: 10.1177/1077699018815894

TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 2005.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação: mass media**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.